



O CANTO CORAL NO PROCESSO EDUCATIVO ESTÉTICO

Roberta Bassani Federizzi

Resumo: Este estudo está fundamentado na educação estética não formal e nas questões relativas ao envolvimento de um grupo coral de uma cidade do nordeste do Rio Grande do Sul (RS). O problema de pesquisa foi: Qual a significação da cultura que se estabelece num grupo coral de adultos descendentes de imigrantes italianos e os processos educativos estéticos musicais que nele acontecem? Trata-se de uma pesquisa qualitativa que se caracteriza por ser um estudo de caso etnográfico (ANDRÉ, 2004). Optou-se por uma metodologia de compreensão das informações de cunho fenomenológico, proposta por Giorgi (1985) e Comiotto (1992). Os achados foram compreendidos e organizados em quatro essências e suas dimensões: a experiência do grupo coral, os sentimentos e as relações grupais, alguns aspectos da cultura vêneta entre descendentes de imigrantes italianos e, finalmente, a essência que trata do significado da música no processo educativo estético, motivo condutor deste trabalho.

Palavras-chave: Educação estética. Processos educativos. Linguagem musical.

Introdução

Este estudo está fundamentado na educação estética não formal¹ e nas questões relativas ao envolvimento de um grupo coral de uma cidade do nordeste do Rio Grande do Sul, tanto nas vivências com a música e o canto como nas relações com a memória e a cultura étnica italiana. O grupo possui 25 componentes, de ambos os sexos, com idades entre 20 e 74 anos.

Estética provém do grego *aisthesis* e significa percepção totalizante, sensibilidade, conhecimento sensível. Esta disciplina tem como campo de estudo inicial as obras de arte, as teorias da criatividade, da percepção, do gosto, da imaginação. A estética é uma filosofia da arte ou uma teoria do conhecimento sensível, de acordo com a definição de seu primeiro expoente, Alexander A. Baumgarten, no século XVIII. É difícil delimitar os campos da teoria da arte e da estética.

¹-Pode-se comentar que educação formal é aquela desenvolvida nas instituições escolares, com estruturação, planejamento, execução e um sistema de avaliação; é ligada a um órgão específico e por ele legislada. Por educação informal entende-se todo o conhecimento adquirido junto à família, no convívio com a sociedade, clubes, teatros, leitura de jornais e revistas. É um processo que dura toda a vida e no qual as pessoas acumulam conhecimentos, habilidades, mediante das experiências cotidianas e relações com o meio ambiente. Já a educação não formal pode

acontecer fora das escolas, em grupos da sociedade civil, de movimentos sociais, de organizações não governamentais e em outros agrupamentos que atuam sem fins lucrativos. Sendo mais flexível, versátil e dinâmica que a educação formal, não tem a mesma carga de formalidade que a educação escolar e permite que determinadas classes e grupos possam ter um aprendizado, independentemente de idade, condição social, sexo, religião, entre outros. Contudo, tem uma intencionalidade e um planejamento prévios.

Na pós-modernidade, abandona-se essa ideia e adota-se uma compreensão mais ampla, que estuda como o ser humano se apropria do mundo por meio do sensível em toda sua atividade e, especialmente, na atividade artística. O sensível é a condição de possibilidade da vida e do conhecimento. Daí a tônica que é colocada, [...] sobre a experiência estética: experiência artística, *stricto sensu*, experiência de religiosidade, tribalismo, preocupação com si, hedonismo multiforme, culto dos objetos, narcisismo coletivo, [...] (MAFFESOLI, 1996, p. 76).

A experiência artística, como parte da educação estética, utiliza-se da arte para perceber, conhecer e expressar a realidade. Ao falar de estética, entende-se este conceito à luz de Maffesoli (1995), que a percebe na sua ligação entre o imaginário e a cotidianidade, com o que assume um sentido mais amplo: o da empatia, o desejo comunitário e a vibração comum. Logo, é possível pensar numa concepção do estético e entende-se que é um modo de ser e estar no mundo; construir a subjetividade, ser, na percepção desta conexão eu-mundo.

Estética e educação confluem na chamada “educação estética”, processo no qual intervém todo o conjunto de influências mencionadas. A educação estética propõe um modo de conhecimento que ajude a reduzir a dicotomia entre a razão e o imaginário, integrando parâmetros como a emoção, a aparência, os sentidos; provocando uma sinergia maior entre o pensamento e o sensível. Segundo Gennari, “[...] a educação estética se concebe, portanto, como o caminho que leva à harmonia racional, ao equilíbrio físico, à integração social” (1997, p.129).

O problema de pesquisa identificado no processo de educação estética não formal do grupo coral foi: Qual a significação da cultura que se estabelece num grupo coral de adultos descendentes de imigrantes italianos e que processos educativos estéticos musicais nele acontecem? A problemática foi desenvolvida norteadas pelas seguintes questões de pesquisa: Que processos educativos se evidenciam pela participação de homens e mulheres no coral? Qual a significação da linguagem musical para os participantes do coro? Que relevância pode ter uma língua estrangeira, um dialeto, como coadjuvante desse processo educativo? De que modo este grupo preserva a memória étnica?

Esta pesquisa qualitativa se caracteriza por ser um estudo de caso etnográfico (ANDRÉ, 2004). Para a coleta de informações foram utilizados três instrumentos: documentos,

que auxiliaram a conhecer um pouco da história do coral; registro das observações durante dez encontros no diário de campo e entrevistas com os “nativos” que fazem parte do coro, que são quatro coralistas, escolhidos por estarem há mais tempo participando do grupo, e um por ser regente. A entrevista foi gravada e transcrita. Optou-se por uma metodologia de compreensão das informações coletadas de cunho fenomenológico, proposta por Giorgi (1985) em quatro passos: o sentido do todo, as unidades de significado, a transformação das unidades significativas em linguagem educativa, a síntese das estruturas de significado. Além desses, acresceu-se um passo, conforme Comiotto (1992), que são as dimensões fenomenológicas. Os achados foram compreendidos e organizados em quatro essências e suas dimensões: a experiência do grupo coral, os sentimentos e as relações grupais, alguns aspectos da cultura vêneta de descendentes de imigrantes e, por último, o significado da música no processo educativo estético.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla. Considerando a necessidade de selecionar aspectos relevantes que contemplem este artigo, apresentamos a última das essências fenomenológicas por ser um tema que se vincula aos processos educativos não formais e às repercussões ou transformações vivenciadas pelos coralistas, observados e entrevistados em relação a sua busca e envolvimento com a música, percebendo que é motivadora de aprendizagem, traz conhecimentos e qualidade de vida.

Linguagem, canto e intenções de aprender

Com base nas falas dos entrevistados, ressalta-se a importância do pertencimento a um grupo, as possibilidades de aprendizagem e a aquisição de conhecimentos. A constante necessidade de aprender novas canções oportuniza o conhecimento de línguas, estilos e arranjos. Ainda, destaca-se o teor enriquecedor da pesquisa que o grupo realiza tanto das músicas folclóricas quanto das vestimentas apropriadas, falas, sotaques e aspectos contextuais.

O conhecimento no contexto do coral se dá de maneira não formal, visto que os coralistas estudam as letras das músicas, porém nem sempre de forma homogênea e convencional. Como os participantes não têm formação musical acadêmica, a aprendizagem se dá, geralmente, de forma autodidata e seguindo os ensinamentos do regente. “Na aprendizagem autodidata as

peças se colocam na condição de aprendizes, porém têm certa autonomia na escolha dos caminhos que irão percorrer durante a aprendizagem” (LACORTE; GALVÃO, 2007, p.33).

As diferenças de idade e de escolaridade entre os membros do coral não são razões de dificuldades na aprendizagem, tanto que muitos aprendem a cantar observando o comportamento do colega. Trilla Bernet comenta: “Os meios não formais acolhem a grupos variáveis quanto a sua idade, quase nunca há agrupamentos tão rígidos [...] Em resumo, quanto à idade, a clientela da educação não formal é muito menos homogênea que a da educação formal” (1998, p.33).

As pessoas de idades e atividades profissionais diferentes acabam se agrupando por um interesse comum: o canto em grupo. As atividades são ricas e permitem um crescimento coletivo. A falta de teoria musical pode afetar, mas não é um agravante para a aprendizagem das mais variadas canções. Na atualidade, o repertório do coro é composto por mais de cem canções, entre sacras, populares e folclóricas, sendo mais da metade canções folclóricas italianas. Um fator que revela a música como um propulsor de outras aprendizagens é a oportunidade de conhecer novas línguas, aqui em especial o dialeto vêneto. Gennari lembra que “a educação musical constitui a base, não somente do texto sonoro, se não também de outras linguagens relacionadas” (1997, p.104).

As viagens pelo Brasil e exterior promovem intercâmbios culturais e grupais facilitando a aprendizagem, tanto pelo conhecimento de novos lugares e culturas, como pela conquista de novas amizades, o que promove um acréscimo de conhecimentos singulares e grupais. As oportunidades de conhecer outras culturas e outras línguas foram lembradas por todos os entrevistados. É interessante ainda entender a linguagem como um instrumento socializador da memória. A linguagem reduz e aproxima no mesmo tempo-espço a imagem lembrada, sonhada e a da vigília.

No seio do coral, o conhecimento se dá pela aprendizagem de conteúdos mais funcionais, procedimento que está muito presente na educação não formal. Trilla Bernet refere:

Na educação não formal, pode encontrar-se meios dirigidos fundamentalmente à assimilação do conhecimento e habilidades do tipo intelectual, assim como a formação de atitudes e também a aquisição de capacidades do tipo psicomotoras. Se no conjunto da educação não formal existe uma ampla variedade de finalidades, objetivos e funções, por aquilo que se referem a cada meio em particular, os objetivos então podem ser mais específicos, setoriais e delimitados que os da educação formal (1998, p.32).

Os objetivos do coro são agregar pessoas que gostem de cantar, incentivar os coralistas a lembrar as canções folclóricas italianas, especialmente da região do Vêneto, de onde provêm a maior parte das famílias do município, e integrar pessoas de outras origens ao incorporar músicas brasileiras e latino-americanas ao repertório. As vivências musicais são promovidas pela interação entre os sujeitos, as quais resultam num aprendizado coletivo não excludente. A música no Brasil é intercultural, como a educação, “[...] quando ela respeita, valoriza e se relaciona com as diferenças e semelhanças culturais, enfatizando a reação humana, dialógica e transformadora e a superação de toda e qualquer injustiça, preconceito ou submissão” (PADILHA, 2007, p.52).

Um dos aspectos fundamentais no processo educativo grupal se dá pela condição de pertencimento, o que é visível entre os integrantes, pois eles participam do coral por interesse próprio. Assim, eles se permitem aprender novas músicas, serem regidos e acompanhados nesse processo educativo intencional, que acontece pelo acesso a um produto cultural, o qual, depois de apreendido, pode ser transformado e também reproduzido, gerando uma externalização, ou seja, uma maneira de mostrar o que se aprendeu e que posteriormente pode também ser ensinado.

Externar conhecimentos e saberes musicais

Por embasar todas as artes, a estética também privilegia a música, refina o gosto, a sensibilidade e o conhecimento. Gennari diz a esse respeito que o ser humano “[...] se vai construindo na interioridade do espírito, onde nascem e se afirmam o gosto, o sentido da beleza, a clareza da inteligência, a formação do sentimento e o vigor da liberdade” (1997, p.122).

Buscar um novo repertório não requer somente bom gosto e sensibilidade; exige pesquisa, que é sempre acompanhada de conhecimentos sobre história, da busca de vestimenta apropriada, de escolha de falas e trejeitos necessários para uma melhor interpretação da canção conforme o evento em que será realizada a apresentação. Um exemplo disso foi dado pelos coralistas ao se referirem às músicas preparadas para a Semana Italiana da referida cidade, para a qual não são pesquisadas somente letras e músicas de canções, mas também a poesia, a história, o cenário e o figurino adequado. Tudo isso reporta à formação estética que o grupo coral oferece aos seus integrantes. Desde o ponto de vista da educação e da cultura, a língua, a ciência, a história e a religião se encontram dentro dos fatores possíveis que influenciam a formação do homem. Porém

não existe uma formação completa da personalidade humana sem a educação da dimensão estética (GENNARI, 1997, p.97).

Lembra-se também que a cada apresentação o grupo reproduz o seu conhecimento, isto é, ao mostrar o seu repertório, possibilita aos espectadores um acesso ao seu estilo musical, aos falares dialetais italianos; também na movimentação cênica, nos acordes dos instrumentos, o grupo externaliza o seu saber. Assim, pode estimular outros sujeitos a também buscarem este tipo de cognição. Outras formas de conhecimento acabam sendo incorporadas no contexto do grupo, uma vez que os coralistas e entrevistados citaram que também houve um aprendizado relevante no que se refere à disciplina de horários, à postura de palco e ao contato com autoridades.

Esta dimensão formou-se pela necessidade do grupo de mostrar o trabalho de resgate e divulgação da música folclórica italiana, o que acaba sendo um dos fatores de comprometimento. Os participantes lembraram o convite para as gravações de um programa especial por uma rede regional de educação universitária como algo relevante na trajetória do grupo e que serviria aos seus objetivos.

A participação em diversos eventos, especialmente nos festivais de corais, revela a qualidade musical deste grupo coral nos seus 25 anos de experiência. Integrantes do coro que participavam de um festival comentaram: “A partir deste trabalho nós ficamos conhecidos na região, e daí começamos a participar mais nos municípios vizinhos, em Porto Alegre, e assim por diante.”

É importante lembrar que o coro é amador, mas prima pelas apresentações e festivais; assim, o constante trabalho nos ensaios, a busca de canções para diversificar o repertório e a alegria refletem-se no prazer que seus membros sentem pela interação com o público, constituindo mais um aspecto de relevância do canto coral, além de outros valores semelhantes, aos que descrevem Campos e Caiado: [...] além de canções produziu valores humanos, além de eventos, cultivou o patrimônio artístico-cultural do passado, para além das influências da indústria cultural, e contribuiu para ampliar a percepção de mundo de seus participantes, além de promover o convívio social e a integração (2007, p.66)

A notoriedade conferida ao grupo se dá pela forma como se expressa musicalmente, pela sua simplicidade e faceirice e, também, por buscar a preservação e difusão de um estilo musical que lhe é próprio. Essas características acentuam o comprometimento dos coralistas numa proposta que os identifica como pertencentes a um grupo que tem traços e vínculos com suas

raízes étnicas; assim, suas vivências dão significado também ao seu papel como cidadãos e membros integrantes de um grupo com forte ligação afetiva.

Música: motivação e qualidade de vida

Esta dimensão veio aflorando carregada de vivências ao longo de muitos depoimentos, em razão do compromisso dos coralistas e da necessidade de cada um de sentir-se apoiado no companheiro, além do importante papel terapêutico proporcionado pela música ao elevar a qualidade de vida. Percebe-se que o bom relacionamento do grupo é um dos aspectos motivadores e que dá sentido à continuidade dos participantes. O encontro para cantar no grupo promove um vínculo quase familiar, para o que também contribui o gosto pelo mesmo repertório. “Nós somos todos irmãos!”, diz uma das entrevistadas.

A cada encontro todos se cumprimentam com boas-vindas e abraços carinhosos. Os coralistas mostram seus sentimentos no reencontro com os colegas e frequentemente se ouve: “Que bom que você chegou! Sentimos a tua falta no ensaio anterior.” Duas autoras dão destaque aos aspectos sociais do canto coral e à motivação. Maffioletti afirma que, “[...] enquanto função social, a música popular contribui na criação de identidade, na administração dos sentimentos e na organização do tempo” (2002, p.44). Já para Amato, é fundamental a qualidade de vida, o equilíbrio e a inclusão social que o canto coral proporciona às pessoas. E continua:

Assim, após o cumprimento das necessidades básicas e de segurança de dada população, a participação em atividades que promovam o aumento da auto-estima e do senso de auto-realização constitui significativo aspecto da formação do indivíduo. Nessa perspectiva, o canto coral auxilia a pessoa no seu crescimento pessoal e, a partir de então, em sua motivação (2007, p. 4).

O grupo coral demonstra que a motivação afetiva é ainda mais evidente nas apresentações. Certamente, sempre surge a insegurança, o medo, a ansiedade típica do palco diante de um público desconhecido. Mãos se apertam. Sorrisos nervosos. Porém, quando o coro se apruma e a gaita e o violão promovem os primeiros acordes, ocorre a liberação, por vezes emocionada, das vozes dos quatro naipes: contralto, soprano, tenor e baixo.

O regozijo é outro fator que transparece como motivador, pois o coro canta com exultação e de forma espontânea. Lacorte e Galvão, com a pesquisa intitulada “Processos de aprendizagem

de músicos populares: um estudo exploratório”, conseguem abstrair os mesmos valores percebidos no grupo coral estudado. De forma sucinta, os autores escrevem:

As pessoas conseguem sustentar durante muitos anos o estudo ou a prática deliberada porque a atividade em si é extremamente compensatória, proporcionadora de grande prazer. Basicamente, gostam do que fazem, a ponto de adiar gratificações, prazeres, para ficarem por conta de suas atividades. Alguns chegam até a não esperar recompensa alguma pelo que fazem. A atividade é por si só gratificante (2007, p.34).

Certamente existem diferenças no grupo, pois são muitos componentes, com maiores ou menores dificuldades financeiras, ideias diferentes, preferências musicais, mas fica visível que muito é superado e que os objetivos comuns garantem a aproximação. Outro motivo de união é a religiosidade, que está sempre presente, como declarou uma das entrevistadas: “Dizem que quem canta reza duas vezes.” O grupo é formado por católicos, e a religião teve um papel fundamental desde a idealização do coral até hoje. Assim, este é mais um aspecto motivador do grupo e que se evidencia pelos inúmeros convites para cantar em missas e encontros de famílias descendentes de imigrantes. Por isso, o grupo mantém um bom repertório de músicas religiosas, tanto em dialeto vênето italiano quanto em português. Schafer, tratando da presença da religião nos grupos corais, fala sobre a influência das religiões católica e luterana e a possibilidade de fusão:

Propus que, se os coros ensaiassem juntos, poderíamos despende metade do tempo com música luterana e metade com católica, prometendo-lhe que ensinaria a eles uma missa gregoriana em latim, uma prática para a qual eu queria um pretexto para fazer, pois o canto-chão é um dos melhores modos de treinamento de coro (1992, p.359).

Outro importante aspecto mostrado no grupo é a solidariedade, que se apresenta como um aspecto muito motivador. Considerando a idade avançada de alguns coralistas e de seus familiares, sabe-se que são comuns as doenças ou as perdas de seres queridos. Ilustramos com um dos componentes, que, após receber o resultado de um exame, no qual foi diagnosticado com uma doença maligna, ficou triste, desmotivado para o trabalho e também para a participação junto ao coral. Hoje, após a cura, ele afirma que a corrente de orações do grupo, o carinho e a ajuda demonstrada pelos amigos do coral auxiliaram-no muito na sua melhora, permitindo-lhe retomar o desejo de viver. O grupo infere que, talvez, isso aconteça pelo forte sentimento

despertado, visto que, por gostarem de cantar, as pessoas acabam desenvolvendo maior sensibilidade e, assim, conseguem ter um olhar mais cuidadoso sobre os outros. Cabe aqui relacionar com o pensamento de Galeffi sobre formação estética, o qual corrobora a ideia de sensibilidade-solidariedade.

A dimensão estética não é apenas uma categoria menor de nossas vidas inteligentes. Pelo contrário, ela é a garantia de que podemos nos tornar inteligentes apenas quando aquilo que nos toca nos ensina e nos transforma, nos potencializa e nos projeta para possibilidades sempre misteriosamente *sabidamente enviadas*. A sensibilidade é nosso *colmeal de sabedoria*, nossa guarida, nossa morada, nosso refúgio, nosso júbilo, nosso prazer, nossa vida, nossa morte. A sensibilidade não se ensina, se aprende. (2007, p.110)

Bom relacionamento, júbilo, solidariedade e oração revelam-se aspectos que motivam a participação dos integrantes no coro; além disso, são vivenciadas no grupo situações de grande emoção. Uma das participantes, que nos últimos tempos vem apresentando problemas de saúde em razão de sua idade avançada, comenta sobre sua participação nos ensaios: “Enquanto eu estou junto com o coral, eu esqueço tudo o que me vem na cabeça. [...] quando eu chego no coral, eu me sinto bem, com todos vocês. Me parece que eu não tenho nenhum desgosto.”

Para Campadello, a música influencia o corpo humano e a forma como ela se apresenta, quanto a volume e ritmo; pode alterar o humor, fazer esquecer o cansaço e outros aspectos psicofísicos. Uma das qualidades desta linguagem artística é o alto poder terapêutico, porque as pessoas podem se envolver emocionalmente, ativando seu consciente ou inconsciente, além de liberar angústias e momentos de preocupação:

Para conseguir isso, não há canal melhor do que a música, que por nascer das emoções, exerce uma influência marcante sobre a conduta e o estado de espírito da pessoa. Assim, para sentir-se integrado à harmonia da vida e para alcançar seu equilíbrio interno, o homem deve ouvir música na maioria de suas horas de trabalho ou lazer. O ritmo aumenta a energia muscular e diminui a fadiga [...] (1995, p.151)

Observou-se, em muitos momentos, que o cansaço parecia inexistir, pois a emoção vinha à tona e fluía com naturalidade, demonstrando que para os coralistas esta arte se constitui de algo mais do que um simples entretenimento. A regente é bastante severa, tentando promover uma

maior conexão entre a música e a pessoa; ela exige que cada coralista cante sem ter o apoio da partitura contida numa pasta. Diz ela: “Então, eu acho que, quando você canta sem a pasta, você canta inteiro, você vai cantar com a alma. Essa é a minha exigência.” O sucesso do grupo não aconteceu sem esforço; ao contrário, foi um crescimento lento, com várias mudanças e que acabou repercutindo em momentos de alto valor terapêutico, nos quais o regente é, como diz Schafer, “[...] algumas vezes, terapeuta” (1992, p. 358).

Considerações finais

No Brasil, existe uma musicalidade acentuada e rica em diversos sons, oriunda dos ritmos dos povos indígenas, das melodias portuguesas trazidas pelos colonizadores, da batucada africana e, mais tarde, das diversas etnias que migraram para este país da América do Sul trazendo entre seus bens culturais a música. Porém, há mais de trinta anos que esta expressão artística não é considerada no seu justo valor pelo currículo das escolas. Não há uma tradição de ensino musical no ensino formal brasileiro. Por isso, é necessário que as pessoas interessadas em cantar ou aprender um instrumento procurem a educação não formal. Os sujeitos recorrem os mais diversos espaços, manifestam-se musicalmente, agrupam-se de maneira inusitada. E um exemplo desse tipo de agremiação é o coral apresentado neste estudo. Espera-se que com a lei 11.769, sancionada em 2008, seja mudada esta triste realidade.

As questões inicialmente colocadas foram respondidas ao longo da investigação. Os processos educativos no coro acontecem de maneira não formal, pois o grupo educa-se constantemente, num processo que está embasado em propostas, objetivos e ideias, que promovem o pertencimento de pessoas que se encontram pelo prazer que sentem ao cantar. Essa é sua intencionalidade maior, a força geradora que promove a divulgação de seu trabalho.

Externalizar é fundamental nos processos educativos e na produção cultural, mostrando que as trocas, especialmente afetivas e de conhecimento, acabam revelando que o coral não é um grupo fechado, mas que educa e se permite educar. A linguagem musical é aquela difundida entre os coralistas de modo ingênuo e informal, pois os integrantes nunca frequentaram escola ou cursos de música. Ainda se ressalta que na educação não formal se pode promover a responsabilidade, proporcionada pelo desejo coletivo de apropriação de um bem grupal, e dar respostas à sociedade sobre esta assimilação.

Nesse sentido, são visíveis as manifestações de ensino-aprendizagem através do canto coral, além de as diferenças de escolaridade e idade não promoverem dificuldades na aprendizagem musical. Confirmou-se no estudo que um dos atributos da música é a possibilidade de inclusão social, pois as oportunidades são abertas a muitos. Assim, é importante observar que nesse espaço o dialeto, especialmente da região do Vêneto, é, também, uma forma de acesso às mais diversas cidades, a repertórios, grupos e entidades regionais originárias, contribuindo com a preservação da memória.

Um interessante trabalho deste coro refere-se ao aspecto social, com apresentações em hospitais, escolas públicas, praças, programas de rádio e TV, assim como nos mais diversos eventos da comunidade, mostrando a oportunidade que a sociedade pode ter ao participar na sua formação musical e no conhecimento e preservação da cultura italiana.

Percebe-se que o grupo amadureceu, ideais se firmaram, os convites para apresentações se tornaram mais frequentes. Porém, a pergunta sobre quanto tempo ainda o coro se manterá ativo revela um aspecto que é motivo de preocupação nos dias atuais. Será que o envelhecimento dos componentes do grupo pode vir a prejudicar a sua continuidade? Será que o pouco interesse dos jovens em participar do coral fará com que esta cultura se perca e fique sem horizontes? Talvez, com o passar do tempo seja inevitável o desaparecimento do coro, mesmo com a possibilidade de renovação de ideias entre seus membros.

Esta pesquisa pode ser considerada como um estudo que teve seu andamento, percurso e resultados direcionados pela tentativa de compreender a significação da cultura que se estabelece num grupo coral de adultos descendentes de imigrantes italianos e os processos educativos estéticos musicais que nele acontecem. Contudo, não pode este final ser visto como a sua finitude, pois qualquer estudo pode ser repensado de outra forma, percebido por outro ângulo e redirecionado para aspectos diferentes.

Referências

- AMATO, Rita F. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. *Revista Eletrônica da ANPPOM - OPUS*, Goiânia, v.13, n.1, p.75-96, jun. de 2007. Disponível em <<http://www.anppom.com.br/opus>>. Acesso em: 29 maio 2008.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. 11.ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

- CAMPADELLO, Pier. *Musicoterapia na autocura*. São Paulo: Maltese, 1995.
- CAMPOS, Ana Y.; CAIADO, Kátia R. M. Coro universitário: uma reflexão a partir da história do Coral Universitário da PUC-Campinas, de 1965 a 2004. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n.17, p. 59- 68, set. 2007.
- COMIOTTO, Mirian S. *Adultos médios: sentimentos e trajetória de vida*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. Tese. (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.
- GALEFFI, Dante A. Educação estética como atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. *Em Aberto*, Brasília, v.21, n.77, p. 97-111, jun. 2007.
- GENNARI, Mario. *La educación estética: arte y literatura*. Barcelona: Paidós, 1997.
- GIORGI, Amedeu. *Phenomenology and psychological research*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.
- LACORTE, Simone; GALVÃO, Afonso. Processos de aprendizagem de músicos populares: um estudo exploratório. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n.17, p.29-38, set. 2007.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MAFFIOLETTI, Leda A. Produção musical: o outro lado da diversidade. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 2, v.2, n. 4, p. 41-46, jul./dez. 2002.
- PADILHA, Paulo R. *Educar em todos os cantos: reflexões e canções por uma educação intertranscultural*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2007.
- SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. 3. reimp. São Paulo: Unesp, 1992.
- TRILLA BERNET, Jaume. *La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social*. 3.ed. Barcelona: Ariel, 1998.